

Gertrudes pede um conselho, setembro de 1941

Uma adolescente procura uma doutora, encarregada de menores abandonados, que escrevia conselhos em uma revista, para falar de sua infelicidade.

Imagina a doutora e como seus problemas seriam resolvidos após a conversa.

Decepciona-se com a aparência da doutora, nem de perto a pessoa que ela havia criado em sua imaginação, conversam amenidades.

A doutora lhe diz que seus problemas são coisa da idade, dos hormônios e Tuda desmorona... Não foi o que ela veio ouvir.

A doutora irrita-se... "Tanta gente morrendo, tantas 'crianças sem lar' tantos problemas irresolúveis (seus problemas) e aquela guria, com família, boa vida burguesa, a dar-se importância".

A doutora percebe que esse pensamento a coloca em contradição, pois contrariava sua tese individualista:

"Cada pessoa é um mundo, cada pessoa tem sua própria chave e a dos outros nada resolve; só se olha para o mundo alheio por distração, por interesse, por qualquer outro sentimento que sobrenada e que não é o vital; o 'mal de muitos' é consolo, mas não é solução."

A doutora força uma resposta, algo como "dê tempo ao tempo", mas Tuda percebe que ela não foi sincera.

Tuda percebe que está em posição superior que a doutora, "é mais forte que ela". Antes de sair, com lágrimas nos olhos, Tuda ouve da doutora que deve voltar aos vinte anos, a doutora lhe ajudaria então. Mas no momento estava cansada, queria apenas ficar só.

Tuda sai à rua sentindo-se diferente: havia falado sobre seu sentimento, era agora possível reconhecê-lo como existente.

"Oh, não conseguir pensar com clareza e não poderem as palavras conhecidas exprimir o que se sente".

Sente-se livre, "diria o que quisesse, comeria todas as casquinhas do mundo, faria o que bem entendesse".

"Eu lá preciso de doutora! Lá preciso de ninguém!"